



GOVERNO

Diante de Haddad, Lula manda gastar

Presidente cobra dos ministros de pastas da área de infraestrutura que invistam, em obras, tudo que tiverem disponível no caixa. Afirmção vem no momento em que o titular da Fazenda se esforça para manter promessa de déficit zero em 2024

» VICTOR CORREIA

José Cruz/Agência Brasil

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deixou clara, ontem, a discordância que tem com o ministro Fernando Haddad, da Fazenda, sobre o equilíbrio fiscal do governo. Cobrou dos ministros à frente de pastas de infraestrutura que utilizem todos os recursos disponíveis na realização de obras públicas. O gesto pode ser entendido que Haddad está perdendo a queda de braço sobre o déficit zero que pretende atingir em 2024. E que Lula não aceita amarras contra gastos.

Ele admitiu divergir do ministro a respeito da manutenção da meta fiscal e frisou que as falhas deste ano não podem se repetir em 2024. “Sempre disse o seguinte: para quem está na Fazenda, dinheiro bom é dinheiro que está no Tesouro. Mas, para quem está na Presidência, dinheiro bom é dinheiro transformado em obras. É dinheiro transformado em estrada, em escola, em escolas de primeiro, segundo e terceiro grau. É saúde. Ou seja: se o dinheiro estiver circulando, e gerando emprego, é tudo o que um político quer. É tudo o que um presidente deseja”, exigiu.

Segundo Lula, não se pode “deixar dinheiro sobrando nos ministérios”. Recorrendo ao jargão futebolístico, sinalizou que é preciso rever as estratégias e táticas para o ano que vem.

“Toda e qualquer falha que a gente tenha percebido, neste primeiro ano, não poderá se repetir no segundo. É como se fôssemos o técnico de futebol e, vocês, o time. Entramos em campo e vimos como é que os adversários jogam, a tática, a estratégia. Agora, estamos no intervalo e vamos elaborar nossa tática e estratégia para o próximo período”, disse.

O primeiro indicativo de que Lula estava incomodado com a imposição de limites aos gastos públicos, por conta do equilíbrio das contas perseguido pela equipe econômica, foi em 27 de outubro. Em um café da manhã com jornalistas, disse que “tudo que



Para quem está na Fazenda, dinheiro bom é dinheiro que está no Tesouro. Mas, para quem está na Presidência, dinheiro bom é dinheiro transformado em obras”

Presidente Lula

a gente puder fazer para cumprir a meta fiscal, a gente vai fazer. O que posso dizer é que não precisa ser zero, o país não precisa disso. Não vou estabelecer uma meta fiscal que me obrigue a começar o ano fazendo cortes de bilhões nas obras que são prioritárias para este país”.

Descompasso

Já ali ficou claro o descompasso entre o presidente e Haddad, que em coletiva na segunda-feira

evitou responder se mudaria a meta fiscal para o próximo ano. “A minha meta está mantida”, garantiu. Ele tentou amenizar o descompasso com Lula afirmando que “não há da parte do presidente nenhum descompromisso, muito pelo contrário. Se ele não estivesse preocupado com a situação fiscal, não estaria pedindo apoio da área econômica para orientar as lideranças do Congresso”.

A reunião ministerial de ontem foi a primeira de uma série de encontros que o presidente



Entramos em campo e vimos como é que os adversários jogam, a tática, a estratégia. Agora, estamos no intervalo e vamos elaborar nossa tática e estratégia para o próximo período”

Presidente Lula

pretende comandar até o final do ano — as próximas serão feitas com os ministros dos serviços e da área social. A ideia é fazer um alinhamento entre as pastas.

Questionados sobre a mudança na meta fiscal, fontes do Palácio do Planalto se recusaram a comentar. Segundo eles, o Ministério da Fazenda será o primeiro a se manifestar, mas apenas quando houver uma definição sobre o assunto. A medida precisa ser incluída na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO)

de 2024, que começa a ser debatida no Congresso na próxima terça-feira.

Lula também retoma as viagens internacionais no final do mês — ainda está no período de recuperação da cirurgia no quadril. Embarca dia 28 para os Emirados Árabes Unidos, onde ocorre a COP-28, em Dubai. Vai aproveitar o giro no Oriente Médio para ir ao Catar e a Arábia Saudita. O objetivo é buscar investimentos para projetos para economia sustentável.

Esforço para acordo com UE sair

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversou, ontem, com o presidente da Espanha, Pedro Sánchez. Segundo o Palácio do Planalto, o acordo comercial entre Mercosul e União Europeia foi o tema principal do telefonema, que durou meia hora. O Brasil ocupa, atualmente, a presidência pro tempore do bloco sul-americano, enquanto a Espanha está à frente do Conselho da UE. Uma nova rodada de negociações está prevista para a próxima semana.

Lula e Sanchez concordaram que é preciso acelerar a conclusão do acordo, discutido há mais de duas décadas. Porém, o presidente brasileiro voltou a criticar as duras exigências ambientais impostas pelos europeus e a medida que dá acesso do bloco às compras do governo federal. O chefe do governo espanhol se colocou à disposição para intermediar as conversas em torno do pacto.

“Conversei por telefone com o presidente da Espanha Pedro Sánchez, que está na Presidência do Conselho da União Europeia. Falamos sobre o acordo entre Mercosul e União Europeia e de fazermos um esforço para concluir a negociação antes do fim das presidências do Brasil e da Espanha em cada bloco”, publicou Lula em sua conta no X (antigo Twitter).

Oportunidade

Os dois enxergam a presidência simultânea dos blocos, até o final de 2023, como uma oportunidade de avançar no acordo. Porém, já se faz a avaliação de que se o pacto não for assinado ainda este ano, não será mais. Isso porque o próximo país a presidir o Mercosul será o Paraguai, cujo presidente, Santiago Peña, já declarou que não vai se esforçar para o tratado avançar.

“Se nós dois, que somos amigos, não fizermos um esforço muito grande para fazer esse acordo, acho que não sairá”, contou Lula, dias atrás, no café da manhã com jornalistas, no Palácio do Planalto.

O maior entrave para a celebração do acordo são as exigências ambientais dos países europeus, que querem impor sanções aos sul-americanos em caso de descumprimento. Lula reafirmou a posição contrária a Sánchez.

O presidente destacou que o Brasil tem avanços a apresentar na área da sustentabilidade. Tal como a matriz energética, composta por 80% de energia limpa — vinda das hidrelétricas e os parques eólicos do Nordeste.

Lula, porém, criticou o trecho do acordo que prevê permissão para que empresas europeias participem de licitações nos países do Mercosul — para ele, isso prejudica as indústrias do bloco. (VC)

Leia mais sobre a meta fiscal na página 4

Costa nega embate entre alas econômica e política

Apesar dos questionamentos sobre a possível mudança na meta fiscal, o ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa, tentou amenizar as especulações de que haja algum ruído entre as alas política e econômica do governo. O entendimento é que manter a meta de déficit zero no ano que vem — quando se realizam eleições municipais — depende de cortes nos gastos, algo que não é visto com boa vontade pelo Congresso e por setores do Palácio do Planalto.

O ministro também assegurou que não haverá aumento nos gastos públicos, independentemente da mudança ou não da meta fiscal. Questionado se o governo vai oficializar a alteração, Costa desconversou.

“Talvez não tenha ficado suficientemente claro, por mais debate que teve até aqui, o regramento do arcabouço (fiscal).

Independente da meta, o gasto está dado. Não há nenhuma possibilidade de aumentar o gasto público. Nem de investimento, nem de custeio. Não há esse debate”, afirmou aos jornalistas, depois da reunião ministerial.

Segundo o Arcabouço Fiscal, o crescimento das despesas para 2024 está limitado a 70% do aumento das receitas em 2023. Mas a arrecadação aquém do esperado neste ano acendeu um sinal de alerta no Planalto sobre o compromisso de zerar o déficit no ano que vem, feito pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, assim que assumiu a pasta.

Eficiência

Costa também esclareceu a fala do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da reunião ministerial — quando

disse que “dinheiro bom é dinheiro transformado em obras”. O ministro negou que a declaração implique em altos gastos públicos.

“O que o presidente disse é que ele quer eficiência do gasto público. Se tem uma escola, um hospital que foi iniciado, tem que ser concluída, tem que servir à população. Não adianta ficar dinheiro no caixa do ministério e o povo sem escola”, frisou.

Ele negou que a ala política e a econômica do governo estejam em rota de colisão. “Não há esse debate, não há essa dicotomia”, garantiu. Sobre a mudança na meta fiscal, Costa disse que o governo só vai se manifestar quando houver uma decisão a respeito.

“O ministro da Fazenda será o primeiro a falar sobre o tema”, esquiu-se. (VC)

José Cruz/Agência Brasil



Segundo Costa, “não há possibilidade de aumentar gasto público”